

HOMENAGEM/ARQUIVO MARIANO GAGO

JMG e a Cultura

Olha, Daisy, quando eu morrer tu hás-de dizer aos meus amigos ai Londres, Que embora não o sintas, tu escondes A grande dor da minha morte. Irás de ...

Álvaro de Campos



Falar de JMG no domínio da Cultura passará por sabermos como foi a 1. sua formação cultural, 2. Como se relacionou com a Cultura dita erudita e como 3. Considerou, utilizou, desenvolveu as culturas populares.

Em relação à sua formação pessoal teremos que dizer que viveu numa família, pouco ou

nada ligada às artes, mas com fortes preocupações culturais.

Referimo-nos às eruditas e às populares. No entanto, uma das primeiras marcas que conhecemos veio-nos do depoimento do Jorge Silva Melo (vídeo) que desde o Liceu que se conversavam sobre temas culturais a partir da publicação na página do Diário de Lisboa dirigida por Mário Castrim.

Terá praticamente frequentado, como companheiro de amigos, muitas aulas do Curso de Letras, dedicando mesmo o seu estudo em muitos dos trabalhos aí propostos ou aventados. Ao mesmo tempo que fazia o Técnico e outras formações (aprofundou matemática com o Dias Agudo, por exemplo).

Entrevista a José Mariano Gago (07/11/2010) por Luísa Tiago de Oliveira

[LTO] *O que o levou a colaborar na secção cultural?*

Não me lembro. Houve um momento em que decidi intervir na Associação de Estudantes. Acho que fui lá e disse que queria colaborar na secção cultural.

Se bem me lembro, escrevia então crítica de livros, de teatro, cinema – que me propus fazer para o Boletim da Associação. Em geral, correu bem. Recordo uma pega monumental com um “controleiro” do pcp da Associação que não achava graça nenhuma a esta nova geração de novatos, literatos e estetas. Achava-nos muito independentes para o seu gosto. E éramos, é claro!

Antes da crise do Técnico, em que entro verdadeiramente a sério no movimento estudantil, arranjei tempo para frequentar um curso de teatro que o Rogério Paulo fez durante um ano inteiro na Associação do Técnico. O curso de teatro foi muito interessante porque permitia, por exemplo, juntar muita gente, discutir teatro, aprender algumas coisas – básicas, obviamente, se comparadas com aquilo que os meus colegas do Grupo de Teatro da Faculdade de Letras estavam a tentar fazer. Mas foi uma aprendizagem importante. Aliás, nunca me esqueci quando o Rogério Paulo nos punha no ginásio da Associação dos Estudantes a ler uma fala de uma peça qualquer e ele se punha na outra ponta. E dizia: “— Não oiço, fala mais alto!” Eu falava mais alto e ele dizia: “— Mas essa fala não é a gritar, pois não? Essa pessoa está a falar baixo para a pessoa do lado, portanto, eu tenho de ouvir aqui e tu tens de falar baixo para a pessoa do lado.” Era uma aprendizagem de colocar a voz, de ter atenção a fazer-se ouvir. Isso foi muito importante para mim para falar em público. Só reconheci isso mais tarde. Isto é uma reinterpretação, na altura não percebi o que estava a acontecer.

Percebia que gostava de fazer aquilo, gostei muito de fazer uma encenação de Tchekhov, gostei muito também de ler clássicos modernos americanos de teatro e de descobrir na excelente biblioteca da Embaixada Americana, que ficava ali perto, coisas que eu nunca tinha visto e que não conhecia.

NÚMERO 215 § VOLUME L § SEGUNDO TRIMESTRE § ANO DE 2015

E quando se dá a crise de 62 está na universidade ou ainda no liceu?

Repara, os meus colegas de turma eram o João Lobo Antunes, o António Reis, ex-padre e maçom. Esses eram os da minha turma. Da turma abaixo de mim eram o Luís Miguel Cintra, o António Guterres, o António Rendas. Da turma ao lado eram o José Mariano Gago e o José Manuel Soares Ribeiro.

No liceu já se sentia uma politização?

Sim, sentia-se já uma politização, sobretudo entre os católicos. (...) O meu primeiro artigo censurado na imprensa foi num concurso organizado pelo Mário Castrim. No ano em que eu concorri, na poesia ganhou o Mariano Gago, no conto, o José Pacheco Pereira, e no ensaio ganhei eu. Mas eu escrevi um ensaio sobre “Poesia africana de expressão portuguesa”, cujo título foi censurado. Mas tive o prémio e fui para Paris com esse dinheiro, sete contos na altura.

http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_215_ent.pdf

http://www.marianogago.org/homenagem/files/Entrevista_de_LTO_a_Jose_Mariano_Gago_07_11_2010.pdf

O mínimo que se pode dizer é que JMG era um homem culto.

Jorge Silva Melo falou já dos interesses (ver depoimento) que trocavam nos intervalos do Liceu mas a sua relação com os outros, com os amigos, seria toda a vida, quase que uma relação pedagógica eivada de



cultura. Lembro-me, por exemplo, de estarmos num restaurante em Algés, comendo uma açorda de marisco e colocarem como música de fundo o *Bolero* de Ravel. Eu não conhecia e explicou-me como apenas a entrada dos instrumentos fazia daquela obra algo de original.

De vez em quando, em Paris, tinha umas dores de barriga, com febre que duravam, irremediavelmente dois dias. Curavam-se com 6 livros de Júlio Verne que se requisitava na Biblioteca local.

BOLERO
MAURICE RAVEL

Transcription: Renato Bellucci

VIDEO 1 Repetir dois ou três compassos com pouquíssima ou nenhuma variação por quase quinze minutos não parece ser a melhor ideia para uma composição, principalmente de sucesso. Mas este é o caso do Bolero de Ravel. Em tom quase monótono, a música se estende repetindo o tema. Quando parece que vai acabar, ela simplesmente se repete... se repete... se repete... e se repete...

[Jabes Nogueira Filho. http://jnescrevinhando.blogspot.pt/2014/10/o-bolero-de-ravel.html](http://jnescrevinhando.blogspot.pt/2014/10/o-bolero-de-ravel.html)

No seu quotidiano estava sempre presente muita literatura a que fui sensível. Em Paris e Genève, para sorrir ternamente da pátria, estavam presentes a *Campanha Alegre* do nosso velho amigo Eça, o inquestionável Oliveira Martins (*História de Portugal e Portugal Contemporâneo*), não faltando, para matar saudades uma *Dobrada à moda do Porto fria* que nos ia trazendo para a pátria embarcados numa *Ode Marítima*. Não fosse também ele, como Álvaro de Campos, um engenheiro do saber. Fazia-lhes companhia o *Físico Prodigioso* do Jorge de Sena sobretudo na ternura e inquietação da sua poesia.

Olho de longe o paquete, com uma grande independência de alma, E dentro de mim um volante começa a girar, lentamente...

Álvaro de Campos

É esta perspetiva, quase que de Educação Permanente, que transparece num Émile Zola para conhecer socialmente a França, ou mesmo, numa outra vertente Cavanna ou mesmo Arsène Lupin, abrindo a uma Europa mais larga. De vários tipos ou sentidos podemos lembrar-nos do marquês de Sade e de Casanova. Quando estive no CERN, optou por ficar em França, em Ferney-Voltaire, na fronteira com a Suíça.

JMG viveu ainda, por sua escolha, numa zona ao Sul de Paris, MalaKoff, do tempo da Comuna de Paris "Les combats entre Communards et Versillais y font rage en 1871" morou precisamente na rue Emile Zola nº 1, frente à Escola Fernand Leger que exibia um mural do seu patrono.



Rómulo de Carvalho



DIA NACIONAL DA CULTURA CIENTÍFICA
24 NOVEMBRO 2016

O Dia Nacional da Cultura Científica foi instituído pelo antigo Ministro da Ciência e Tecnologia, José Mariano Gago, em 1996 em homenagem a Rómulo de Carvalho/António Gedeão, professor, divulgador de ciência e poeta.

Mariano Gago publicou nos últimos tempos da sua vida, duas obras que elucidarão a sua relação com a Cultura. Guilherme de Oliveira Martins ajudará a compreender este percurso.

Almada Negreiros

Profunda relação que quem conhecer esta obra fabulosa e conheceu o Mariano Gago, compreenderá! Vale a pena! E por que terá ele querido fazer este cartaz?

Judite, Nome de Guerra, de José de Almada Negreiros (futurista e tudo!) - como se apresentou na frente do seu Manifesto Anti-Dantas, é um romance genial, antigo e moderno. "Futurista e tudo!" como poucos, é antimachista como talvez mais nenhum.

Trate logo do que deve aos clichês do género. O Antunes vem da província para Lisboa. Um tio rico, sabido, leva o rapaz ao cabaret, às putas, à Judite. O Antunes agarra-se-lhe, é largado, refaz-se. A Judite vai à vida mas fica por escrever essa sua vida, que ainda não era época para (ver) tanto e tão longe. De repente, é como se em Portugal, num "futurismo" não gritado em letras enormes que nem nos lembramos que pouquíssimos sabiam ler, alguém olhasse em frente: e visse!

Inesperadamente, também nos aclara a história do pensamento modernista em Portugal no período modernista.

Vamos à ciência (e não esperem que seja a do engenheiro Campos nem a do decifrador Quaresma, ou a do Sherlock tornado universal, detective enquanto cientista apropriado pela cultura popular, e portador de valores de ciência).

Aqui, nada disso. Em Almada, na Judite, entramos numa ascese da ciência que parece quem transmútua-la na possibilidade de objecto de desejo colectivo, logo político, embora ainda esquivo, contraditório.

Como o Antunes, nós portugueses viemos lá do fundo duma ignorância tão entreteida consigo mesma que mal entrevíamos uma cultura científica que se venerava, certo, mas onde não se conseguia pousar senão à defesa, ou na banalidade do pensamento inculco a agir para a preguiça de não ler de estudar, ou, pior ainda, e ainda hoje, de agir-falhar e chafaluzar e desgraçada tentação de overhinhá palerma a tentar confundir ciência em lampiões e fruto com poda...

o livro, a ciência está logo ao princípio, no início desta declaração prévia: *leitor há-de ver já a seguir que o autor não orle em ciência, de modo que tudo quanto escrito não será absolutamente nada de científico. Será exactamente nem científico e falso, ao mesmo tempo.*

O AUTOR

... que não está incluído na grande exposição da Lisboa onde prima os acontecimentos que deve ler, mas não lê!

... que não está incluído na grande exposição da Lisboa onde prima os acontecimentos que deve ler, mas não lê!

... que não está incluído na grande exposição da Lisboa onde prima os acontecimentos que deve ler, mas não lê!

... que não está incluído na grande exposição da Lisboa onde prima os acontecimentos que deve ler, mas não lê!

... que não está incluído na grande exposição da Lisboa onde prima os acontecimentos que deve ler, mas não lê!

... que não está incluído na grande exposição da Lisboa onde prima os acontecimentos que deve ler, mas não lê!

... que não está incluído na grande exposição da Lisboa onde prima os acontecimentos que deve ler, mas não lê!

**CIÊNCIA
Judite e Almada:
Nomes de Guerra,
HOJE**

E também é de Ciência que trata o último capítulo - LXV o último (o sessenta e quatro) do oitavo quadrado. Ai José, a geometria do número!., com o título em oito palavras

FINALMENTE O PROTAGONISTA TOMA O PARTIDO DAS ESTRELAS

Como é de ler, esta tomada de partido sucede a um debate interior tão impressionante e tão interior que se entende logo como exterior, colectivo e português... e que em 62, isto é, no capítulo 62, se anuncia.

TRAMPÓJIM DO SALTO MORTAL PARA A SEGUNDA NATUREZA

Em 63 (novas [ora, nada] reporta

OS DERRADEIROS ENCONTROS DE VIZINHANÇA ENTRE A PRIMEIRA E A SEGUNDA NATUREZAS

Donda em 64, finalmente, e

Como já disse: O protagonista toma o partido das estrelas!

Desculpem mas já não tenho tempo de demonstrar a ascese, vd. 63,246. Exemplo: Pasteur. Por isso, sempre que ouvia a *Marsulha*, o Antunes tinha três pp de peso no moir (fundo de tua admiração Pascal, Poincaré, Pasteur -

Aprendam, apogadores actuais da ciência como se fossemos comédia do lampião de "excelência", a sós, bem entendido, com vossas excelências de visita ao asteróide dos limpa-candeeiros de SaintEx, enquanto Portugal vai, pois vai, na sua lenta e dura ascese pela cultura da ciência, e nas das nossas Judites.

Tenho de fechar: Para dar curso à [úria (que eleva a ascese às órbitas boss e nos une a todos na combustão indispensável ao transbordo)] [ica o recado que vos aprouver endossar em carapuça na hora da vassourada: ("aos antigos amigos do protagonista vistos das estrelas"). E nem vos [alei de Holo]jernet!

Nem dos mais Tios da pátria, em abundância, como o do Antunes:

O no do Antunes partia sempre do princípio que todos eram estrangeiros, de modo que, desta maneira nunca conseguia comunicar com ninguém (...). A estas ocasiões dos seus festejos, os outros apresentavam-lhe as horas vagas utilizando-as para a serviço alienado às suas pessoas. Mas como as ordens dos estrós não invariáveis, tanto fez que eles se empenhem noutros resultados. A única maneira de os controlar é convencendo-os de que podem o que querem.

Já me custe não trocar as lócul, mas a demonstração, em diante, é fácil. Futuro é o que está mesmo na ascese do presente, daí em frente, até hoje!

Sem equívocos. O livro é mesmo sobre a Judite, e futurista mas ainda que outros mandei. - E Judite mor da Judite! Como se a Judite estivesse sempre no [ut (das mulheres), sem as quais nem vale a haver futuro. A Ciência e a Judite partilham assim, em negativo, o que a última página nos ensa

MORALIDADE DESTA ROMANCE

Não te metas na vida alheia e não queres lá ficar.

E porquê em negativo? (pergunto eu) Não é evidente? - Se nos metemos na vida dos outros é sempre porque queremos - ou não? E queremos mesmo lá ficar, pois quem nome de guerra! E se mesmo então até já começávamos a querer Ciência! E hoje então?

- Nem que nos matem!

POIS QUEREMOS MESMO FICAR COM A CIÊNCIA E TUDO!

Isso mesmo vos digo eu, José Mariano Gago (E A CIÊNCIA E TUDO)

Em 28-31 de Janeiro de 2015

E daí em frente (quem diria!)

Até Sempre

Judite, Nome de Guerra, de José de Almada Negreiros (futurista e tudo!) - como se apresentou na frente do seu Manifesto Anti-Dantas, é um romance genial, antigo e moderno. "Futurista e tudo!" como poucos, é antimachista como talvez mais nenhum.

Trate logo do que deve aos clichês do género. O Antunes vem da província para Lisboa. Um tio rico, sabido, leva o rapaz ao cabaret, às putas, à Judite. O Antunes agarra-se-lhe, é largado, refaz-se. A Judite vai à vida mas fica por escrever essa sua vida, que ainda não era época para (ver) tanto e tão longe. De repente, é como se em Portugal, num "futurismo" não gritado em letras enormes que nem nos lembramos que pouquíssimos sabiam ler, alguém olhasse em frente: e visse!

Inesperadamente, também nos aclara a história do pensamento modernista em Portugal no período modernista.

Vamos à ciência (e não esperem que seja a do engenheiro Campos nem a do decifrador Quaresma, ou a do Sherlock tornado universal, detective enquanto cientista apropriado pela cultura popular, e portador de valores de ciência).

Aqui, nada disso. Em Almada, na Judite, entramos numa ascese da ciência que parece quem transmútua-la na possibilidade de objecto de desejo colectivo, logo político, embora ainda esquivo, contraditório.

Como o Antunes, nós portugueses viemos lá do fundo duma ignorância tão entreteida consigo mesma que mal entrevíamos uma cultura científica que se venerava, certo, mas onde não se conseguia pousar senão à defesa, ou na banalidade do pensamento inculco a agir para a preguiça de não ler de estudar, ou, pior ainda, e ainda hoje, de agir-falhar e chafaluzar e desgraçada tentação de overhinhá palerma a tentar confundir ciência em lampiões e fruto com poda...

o livro, a ciência está logo ao princípio, no início desta declaração prévia: *leitor há-de ver já a seguir que o autor não orle em ciência, de modo que tudo quanto escrito não será absolutamente nada de científico. Será exactamente nem científico e falso, ao mesmo tempo.*

O AUTOR

... que não está incluído na grande exposição da Lisboa onde prima os acontecimentos que deve ler, mas não lê!

... que não está incluído na grande exposição da Lisboa onde prima os acontecimentos que deve ler, mas não lê!

... que não está incluído na grande exposição da Lisboa onde prima os acontecimentos que deve ler, mas não lê!

... que não está incluído na grande exposição da Lisboa onde prima os acontecimentos que deve ler, mas não lê!

... que não está incluído na grande exposição da Lisboa onde prima os acontecimentos que deve ler, mas não lê!

... que não está incluído na grande exposição da Lisboa onde prima os acontecimentos que deve ler, mas não lê!

**CIÊNCIA
Judite e Almada:
Nomes de Guerra,
HOJE**

E também é de Ciência que trata o último capítulo - LXIV o último (o sessenta e quatro) do oitavo quadrado. Ai José, a geometria do número!., com o título em oito palavras

FINALMENTE O PROTAGONISTA TOMA O PARTIDO DAS ESTRELAS

Como é de ler, esta tomada de partido sucede a um debate interior tão impressionante e tão interior que se entende logo como exterior, colectivo e português...

TRAMPÓJIM DO SALTO MORTAL PARA A SEGUNDA NATUREZA

Em 63 (novas [ora, nada] reporta

OS DERRADEIROS ENCONTROS DE VIZINHANÇA ENTRE A PRIMEIRA E A SEGUNDA NATUREZAS

Donda em 64, finalmente, e

Como já disse: O protagonista toma o partido das estrelas!

Desculpem mas já não tenho tempo de demonstrar a ascese, vd. 63,246. Exemplo: Pasteur. Por isso, sempre que ouvia a *Marsulha*, o Antunes tinha três pp de peso no moir (fundo de tua admiração Pascal, Poincaré, Pasteur -

Aprendam, apogadores actuais da ciência como se fossemos comédia do lampião de "excelência", a sós, bem entendido, com vossas excelências de visita ao asteróide dos limpa-candeeiros de SaintEx, enquanto Portugal vai, pois vai, na sua lenta e dura ascese pela cultura da ciência, e nas das nossas Judites.

Tenho de fechar: Para dar curso à [úria (que eleva a ascese às órbitas boss e nos une a todos na combustão indispensável ao transbordo)] [ica o recado que vos aprouver endossar em carapuça na hora da vassourada: ("aos antigos amigos do protagonista vistos das estrelas"). E nem vos [alei de Holo]jernet!

Nem dos mais Tios da pátria, em abundância, como o do Antunes:

O no do Antunes partia sempre do princípio que todos eram estrangeiros, de modo que, desta maneira nunca conseguia comunicar com ninguém (...). A estas ocasiões dos seus festejos, os outros apresentavam-lhe as horas vagas utilizando-as para a serviço alienado às suas pessoas. Mas como as ordens dos estrós não invariáveis, tanto fez que eles se empenhem noutros resultados. A única maneira de os controlar é convencendo-os de que podem o que querem.

Já me custe não trocar as lócul, mas a demonstração, em diante, é fácil. Futuro é o que está mesmo na ascese do presente, daí em frente, até hoje!

Sem equívocos. O livro é mesmo sobre a Judite, e futurista mas ainda que outros mandei. - E Judite mor da Judite! Como se a Judite estivesse sempre no [ut (das mulheres), sem as quais nem vale a haver futuro. A Ciência e a Judite partilham assim, em negativo, o que a última página nos ensa

MORALIDADE DESTA ROMANCE

Não te metas na vida alheia e não queres lá ficar.

E porquê em negativo? (pergunto eu) Não é evidente? - Se nos metemos na vida dos outros é sempre porque queremos - ou não? E queremos mesmo lá ficar, pois quem nome de guerra! E se mesmo então até já começávamos a querer Ciência! E hoje então?

- Nem que nos matem!

POIS QUEREMOS MESMO FICAR COM A CIÊNCIA E TUDO!

Isso mesmo vos digo eu, José Mariano Gago (E A CIÊNCIA E TUDO)

Em 28-31 de Janeiro de 2015

E daí em frente (quem diria!)

Até Sempre

MORALIDADE DESTA ROMANCE

Não te metas na vida alheia e não queres lá ficar.

E porquê em negativo? (pergunto eu)
Não é evidente? - Se nos metemos na vida dos outros é sempre porque queremos lá ficar, - ou não?!
E queremos mesmo lá ficar, pois queremos!
Em futuros com mulheres que têm nome, até nome de guerra!
E se mesmo então até já começávamos a querer Ciência!
E hoje então?!

- Nem que nos matem! -

POIS QUEREMOS MESMO FICAR COM A CIÊNCIA E TUDO!

Isso mesmo vos digo eu,
José Mariano Gago
(E A CIÊNCIA E TUDO)

Em 28-31 de Janeiro de 2015
E daí em frente (quem diria!)

Até Sempre

Damião de Góis

10 Abril
2015
6ª FEIRA

“Desde há mais de um ano, Damião de Goes tem-me acompanhado”...

Escrito à mão por JMG no seu caderno de notas.

“Fotografia é estar com os outros, mostrar-lhes, ver. A Fotografia é ver”

Respondeu a Luisa Ferreira. Pediu-lhe para fotografar o busto de Damião de Góis em Alenquer.



O busto de Damião de Goes que José Mariano Gago viu...

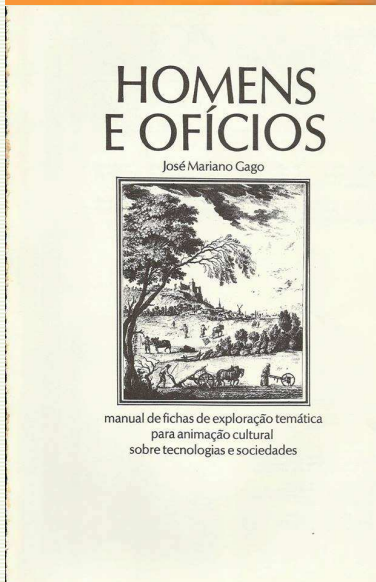
“Damião de Góis encomendou um busto funerário, e Mariano queria ver esse rosto. Disse-me que seria o retrato mais verdadeiro. Queria olhá-lo de frente. Queria ler o que ele mandara gravar na pedra, pois Goes escreveu o seu próprio epitáfio e a inscrição para a laje tumular.

“O busto de Damião de Goes estava partido. Não pudemos ver o que Mariano tanto queria. Vimos um rosto alterado”

Do Livro *Ao Encontro de DAMIÃO DE GOES para JOSÉ MARIANO GAGO* de LUÍSA FERREIRA publicado por ocasião da exposição

Ao encontro de Damião de Goes para José Mariano Gago na Galeria da Livraria Sá da Costa entre 10 e 26 de Março de 2017.

Ao encontro de
DAMIÃO DE GOES
para
JOSÉ MARIANO GAGO
LUIZA FERREIRA



Culturas populares - etnografia



Valorizar a realidade popular como objeto de cultura é, acima de tudo, pesquisá-la e enriquece-la.

HOMENS E OFÍCIOS

José Mariano Gago

Por isso os seus grandes mestres foram, sem dúvida Orlando Ribeiro: *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* e *Mediterrâneo, Ambiente e Tradição*.

A *Etnografia Portuguesa* de Leite de Vasconcellos funcionava como ponto de partida para as suas pesquisas, para a sua produção de materiais pedagógicos, por exemplo.

Nos Agradecimentos de *Homens e Ofícios* diz JMG:

É da tia Isaura a explicação e o texto dos "Trabalhos do linho" como são na sua terra da Beira Alta e a promessa – que não esqueço! – de juntar a teoria à prática e de ensinar este cidadão empedernido a fazer com as mãos o que escreve com a caneta; para quando a sementeira do linho no seu quintal lisboeta do Caramão da Ajuda?

E a Tia Isaura cumpriu. Em princípios de um certo mês de Março, tratou a terra, fez a sementeira com o ZMG, foi regando, construiu os instrumentos necessários e chamou o Zé e alguns amigos para completarem a obra. Assim fizeram! Ainda existe uma meada à espera de ser utilizada...

